

Imitações em pasta cinzenta de cerâmicas de verniz negro itálicas durante o período tardo-republicano encontradas em Portugal

Vincenzo Soria

Resumen:

Nos últimos anos a atenção sobre as imitações em pasta cinzenta de cerâmica campaniense cresceu exponencialmente até começarem a ser identificadas em muitos sítios por toda a Península Ibérica. Ainda assim, tardam em aparecer estudos unitários que caracterizem estas produções. É neste panorama investigativo que o presente estudo se insere, pretendendo-se caracterizar alguns conjuntos exumados em escavações no território português (Santarém, Faro e Castro Marim) com o fim de analisar autópticamente os fabricos e a morfologia, factores de grande interesse histórico-arqueológico pelo facto de serem consideradas unanimemente produções que imitam modelos formais exógenos ao âmbito cultural peninsular.

Abstract:

In recent years growing attention has been given to gray clay campanian ware imitating fine italic prototypes; these artifacts have been identified in many excavations of the Iberian peninsula. Nevertheless there still is a lack in studies which characterize this production. The present study aims to characterize some sets of this ceramic class found in Portuguese sites (Santarém, Faro and Castro Marim) in order to analyze, through autoptical examinations, the fabrics and the morphology which are factors of great historical-archaeological interest also because the gray clay ware is considered unanimously a peninsular production of formal models imitating exogenous productions.

1. PROBLEMÁTICAS GERAIS

Neste trabalho pretende-se caracterizar uma produção cerâmica que só nos últimos anos, através do impulso de importantes encontros internacionais de especialistas (Aquilué *et al.* 2000; Roca e Principal 2007), veio a adquirir cada vez mais importância no âmbito dos estudos de cerâmica de mesa de período tardo-republicano. Estando num momento inicial da investigação é importante especificar quais podem ser as linhas investigativas principais para caracterizar adequadamente esta produção.

1.1. Os centros produtores

O Ventura Martínez (2000: 185) individualizou no vale do Guadalquivir uma das potenciais regiões produtoras destas cerâmicas. De facto, cronologicamente, o começo da produção nos meados do séc. I a.C. nesta região é coincidente com um período de crescente fomento económico e produtivo devido à exploração dos seus recursos minerários e agropecuários (García Vargas *et al.* 2011: 270-1). Estas actividades são sobretudo visíveis no registo arqueológico da área circunstante através da forte presença de ânforas produzidas *in loco* (García Vargas *et al.* 2011: 270-1). É neste quadro que se inseririam as produções em pasta cinzenta, talvez como produção subsidiária àquela anfórica. Infelizmente, no estado actual da investigação, ainda não temos dados arqueológicos suficientes para poder estabelecer de maneira inequívoca uma região-produtora concreta, factor que afecta o cenário distributivo das mesmas e a avaliação desse fenómeno.

1.2. Os significados

A problemática histórico-arqueológica relativa à produção e à circulação de cerâmicas de mesa em pasta cinzenta reside no reconhecimento dos contextos de consumo que fazem com que se criem algumas questões de carácter cultural e económico. 1) Se assumirmos que o consumo se concretizou principalmente em comunidades não romanas e em fase de romanização, a adopção ~~da mesma~~ a pode ser considerado índice da aceitação por parte das comunidades locais do habitus simposial itálico? 2) Mas se estivermos perante uma produção destinada ao abastecimento de mercados privilegiados por indivíduos já plenamente romanizados, o carácter destas cerâmicas reflectiriam um cenário diferente. Não será mais adequado neste caso propor uma razão meramente económica que conduziu à sua fabricação nos lapsos de tempo em que a demanda não era satisfeita por diferentes causas desestabilizadoras? Obviamente o nível cultural e aquele económico que estão à base destas questões não necessariamente devem ser vistos em contraposição entre eles porque podem ter ocorridos contemporaneamente num mesmo contexto.

2. TERMINOLOGIA

Antes de ilustrar os materiais, torna-se importante esclarecer que tipo de vocabulário será utilizado para identificar estes objectos que, no embrionário estado actual da investigação, só nos permite estabelecer qual foi o próprio sistema cultural de referência. Falamos de imitações e não de reproduções ou cópias porque estas últimas duas terminologias requereriam uma vontade por parte do artesão de refazer fielmente os objectos “originais”. O termo imitação implica um maior espaço criativo à interpretação formal do objecto (Principal e Sanmartí 2007: 262). Já no célebre trabalho de Morel (1981: 511 e sgg.), posteriormente afinado por Principal e Sanmartí (2007: 262), se podia entrever uma geral divisão das imitações em:

1. influenciadas (sem manifesta vontade de plágio; vontade de reproduzir as formas das campanienses, seja por causa de faltas no repertório local seja por questões de status social; típicas nas produções periféricas aos centros itálicos) e
2. falsificadas (criar um produto tecnicamente o mais fiel possível do original. Requerendo uma tecnologia refinada, são típicas de oficinas itálicas ou de regiões acostumadas à penetração de modelos gregos ou púnicos)

Considerando estas distinções, deve-se sublinhar que no primeiro caso estaremos em presença de produtos fabricados em territórios em que a presença romana teve um determinante impacto cultural e político; no segundo caso, entraremos num horizonte em que a koiné helenística desempenhou um importante papel no constante aumento dos contactos entre áreas longínquas, facto que propiciou a difusão e a introdução de práticas socioculturais alógenas nos próprios hábitos quotidianos.

Mantendo-nos no âmbito do uso e consumo das cerâmicas de verniz negro na bacia do Mediterrâneo centro-occidental, resulta simples englobar as imitações a pasta cinzenta no primeiro caso e no segundo aquelas produções cerâmicas, como as campanienses itálicas ou a cerâmica de Kouass, que tiveram modelos formais importados da Grécia ou de áreas com influência púnica.

Atendendo ao estado da investigação, sugerimos denominar o conjunto aqui analisado como imitações das campanienses em pastas cinzentas do Ocidente Peninsular. Desta forma, sublinham-se contemporaneamente diferentes aspectos: a proveniência extra- itálica desta produção, o aspecto cronológico, formal, cultural e técnico.

Deve-se também sublinhar que neste trabalho só serão tratadas as peças que apresentem revestimento, deixando fora desta análise aquelas produções também definidas “imitações de campaniense” mas sem qualquer tipo de verniz ou engobe (*cfr.* Pinto e Schmitt 2010: 252).

3. OS SÍTIOS

Alcáçova de Santarém

Encontra-se implantada num planalto elevado, com o máximo de 106 metros de altitude, possibilitando um amplo domínio visual sobre o território envolvente e, especialmente, sobre o rio Tejo (Arruda 1999-2000: 137 e sgg.). Estas condições favoreceram a fixação de populações e o desenvolvimento económico do sítio, intrinsecamente relacionado com as vias fluvio-marítimas, dada a excelente capacidade de controlo do tráfego do rio (Pereira 2008: 22). A navegabilidade deste rio favoreceu os contactos comerciais, aproximando o povoado àqueles de cariz eminentemente marítimo em contrapartida aos interior-terrestres. Assim, estaremos perante uma situação em que Scallabis desempenhou um papel “alfandegário” entre o interior e o litoral. Desta forma, gozava da recepção contínua de importações de produtos alimentares e manufacturados forâneos, que distribuiria directamente no seu hinterland ou que permitiria este tipo de comercio (Figs. 1 e 2).

Deixando de parte os problemas de ordem histórico e cronológico acerca da deductio da civitas (Almeida 2008: 22-24), interessa referir neste caso a contínua ocupação desde o Bronze Final e, particularmente, a partir da Idade do Ferro (Arruda e Viegas 2002: 77). A identificação da Scallabis pliniana (Plínio: IV, 117; Ptolemeu: 2, 5, 6; Itinerário Antonino) com a actual Santarém é unanimemente aceite. As evidências arqueológicas tardo-republicanas na Alcáçova, assim como a cultura material exumada, suportam estas teses adicionando dados interessantes acerca das instalações urbanas que a afectaram (Almeida 2008: 254-265) ao longo do tempo. Contudo é de referir que uma mínima parte das evidências materiais (Soria 2013; Arruda-Sousa 2004: 250) apontem para um momento anterior (finais do séc. II a.C.) ao auge de crescimento e desenvolvimento de Scallabis, que se situa entre o início do século I a.C. e os finais do século I - inícios do II d.C. Este facto pode ser o reflexo duma “tímida” e



Fig. 1.— Localização geográfica dos três sítios estudados

precoce exploração romana do local (Pereira 2008: 27 e 113) a qual não afectou de maneira incisiva as anteriores estruturas habitacionais.

Graças às escavações de 1999 e 2000 (sectores 1A, 1B e 1C) na área correspondente ao Jardim das Portas do Sol se conseguiu estabelecer uma sucessão cronológica do local para o período de ocupação romana (Viegas 2003a: 276; Almeida 2008: 36-8): foram, portanto, identificados momentos de ruptura com o traçado urbanístico do povoado indígena causado pelo estabelecimento do praesidium (fase 1: segundo quartel até o terceiro quartel do séc. I a.C.), uma fase de remodelação e remoção parcial de construções anteriores (fase 2: inícios reinado do Augusto - terceiro quartel do séc. I d.C.) e uma nova ruptura estrutural (fase 3) balizada entre o final do séc. I d.C. e a segunda metade do séc. II d.C. para acabar com cada vez mais escassas evidências na fase 4 (segunda metade do séc. II- IV d.C.) e 5-6 (respectivamente séc. IV-V e séc. V-VI d.C.). Cada uma delas foi ulteriormente dividida em sub-fases que correspondem a uma localização dentro duma fase e que se resumem em: A pelos momentos iniciais, B pelos intermédios e C para os finais.

Faro

A antiga cidade de Ossonoba (Cfr. Estrabão; Pompónio Mela; Plínio-o-Velho) situa-se concretamente na colina actualmente rodeada pela muralha medieval, que corresponde ao bairro da Sé. Durante o I milénio a.C., na área urbana da actual cidade de Faro, a paleocosta algarvia era constituída por um particular ambiente lagunar formado por diferentes territórios insulares, num dos quais se instalou o antigo povoado de Ossonoba que oferecia boas condições para a instalação de estruturas portuárias graças aos seus abrigos (Arruda 1999-2000: 35). Este tipo de localização denota uma estratégia de povoamento de clara vocação comercial, sendo uma cidade que beneficiava dos tráficos marítimos. O seu povoamento remonta-se a não antes dos finais do séc. IV a.C. (Sousa 2005: 40-1) e prolonga-se até à época contemporânea (Figs. 1 e 3).

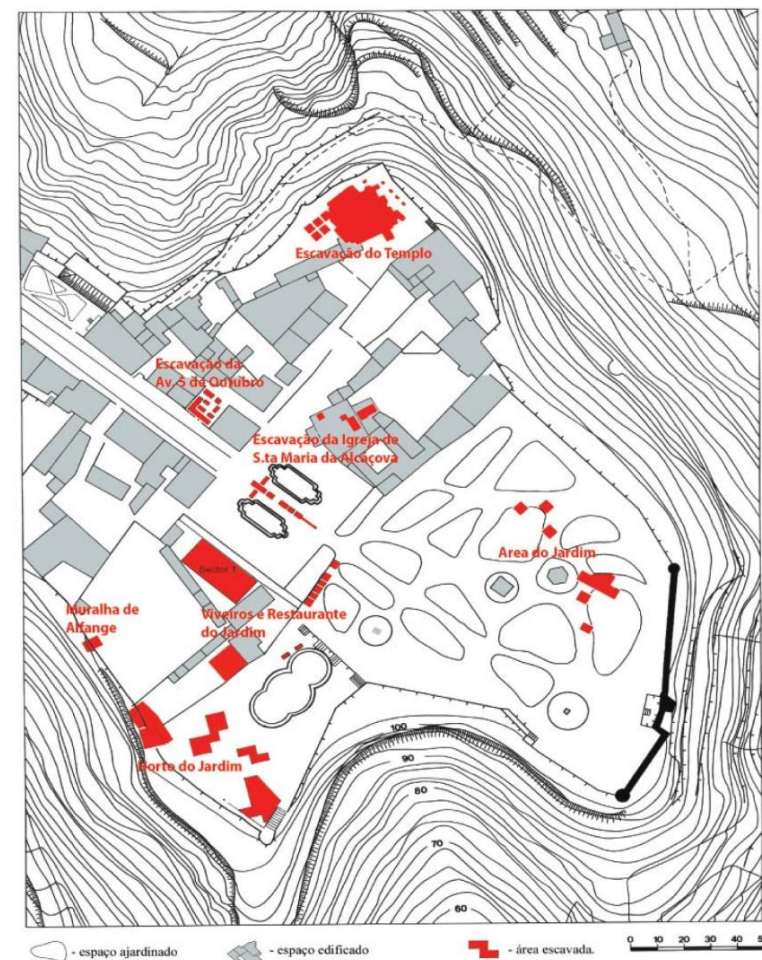


Fig. 2. — Alcaçova de Santarém

Diversas escavações foram efectuadas no bairro antigo e os vestígios relativos ao período romano sempre estiveram presentes nos relatórios arqueológicos. Só com as escavações do Museu Municipal em 2000 e 2001 se veio a adquirir dados estratigráficos fiáveis para propostas cronológicas da ocupação romana da cidade. Contudo, como muitas vezes acontece em escavações urbanas, a maior parte dos materiais encontrava-se em níveis de deposição secundária e em outros revolidos pelas construções de época medieval e moderna (Viegas 2011: 106). Por esta razão tornou-se quase impossível propor uma sequência cronológica como foi feito para as intervenções da Alcáçova de Santarém.

A intervenção no Museu Municipal contou com a realização de duas sondagens. Foi na sondagem 1 que se encontraram contextos com materiais de relativa homogeneidade e que apontavam ao séc. I a.C. Já os níveis da sondagem 2 encontravam-se contaminados por materiais medievais/islâmicos (Viegas 2011: 107-8).

Castro Marim

O Castelo de Castro Marim ocupa uma colina com cerca de 42 m de altitude, situada na margem direita do Guadiana muito próxima da sua foz. Embora a evolução da linha de costa algarvia ainda não tenha sido estudada pormenorizadamente, pressupõe-se que, durante a Antiguidade, a colina do Castelo de Castro Marim seria uma pequena ilha rodeada pelas águas do Guadiana (Arruda 1999-2000: 36).

A escolha deste lugar foi certamente sugerida pelas favoráveis condições naturais de defesa e pelo amplo domínio visual do território envolvente, particularmente sobre o rio. De facto, também neste caso, estamos perante um povoado que desde a Idade do Bronze foi sempre integrado nas correntes comerciais e culturais mediterrânicas (Viegas 2011: 40-2).

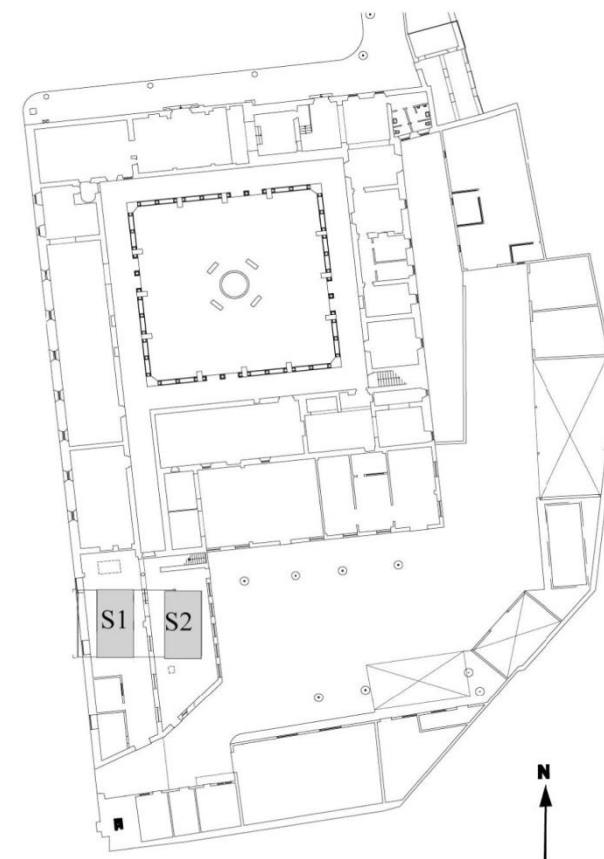


Fig. 3.— Faro- Museu Municipal (s. Viegas 2011)

Hoje em dia já não há dúvidas sobre a identificação da antiga cidade de *Baesuri* com a moderna vila de Castro Marim, graças a achados numismáticos (Faria 1995: 143) e às evidências materiais recolhidas no local durante o séc. XIX por Estácio da Veiga e posteriormente por José Leite de Vasconcelos. Temos que adicionar a isto os dados que foram recolhidos com as recentes escavações da Prof.^a Ana Margarida Arruda que se centraram no Castelo e que confirmaram a presença romana no local entre o séc. I a.C. e os finais do I d.C./inícios do II d.C. (Viegas 2011: 412). Graças a estes trabalhos conseguiu-se isolar um contexto definido como um depósito ou uma lixeira datado, graças a abundância de materiais cerâmicos, entre 60 -30 a.C. (Arruda 1999-2000: 43). O período alto imperial está presente em todos os cortes das intervenções de 1983-1988 e no sector 1 das campanhas de 2000-2003, embora de maneira pouco fiável devido a perturbações que os estratos romanos sofreram com as construções de época medieval e moderna (Fig. 1).

4. DESCRIÇÃO DOS FABRICOS

4.1. Grupos (Fig. 5)

Grupo 1 (Santarém)

Pasta: cinzenta clara (2Gley 5/1 – 6/1 5PB e 1Gley 6/1 10Y), compacta, bem depurada, dura e com fractura regular.

Inclusões: presença de pequenas inclusões brancas (calcite) e quartzo de médias dimensões. Aspecto rugoso da superfície da fractura ao microscópio óptico.

Revestimento: engobe fino que cobre a totalidade da peça, opaco, aderente e de cor ligeiramente mais cinzento comparativamente ao corpo (1Gley 5/1 – 6/1 10Y). Superfície lisa ao tacto. Em algumas peças notou-se o uso da técnica do polimento identificado pelas estrias concêntricas ainda visíveis em algumas peças, aplicado quer no interior, quer no exterior da peça.

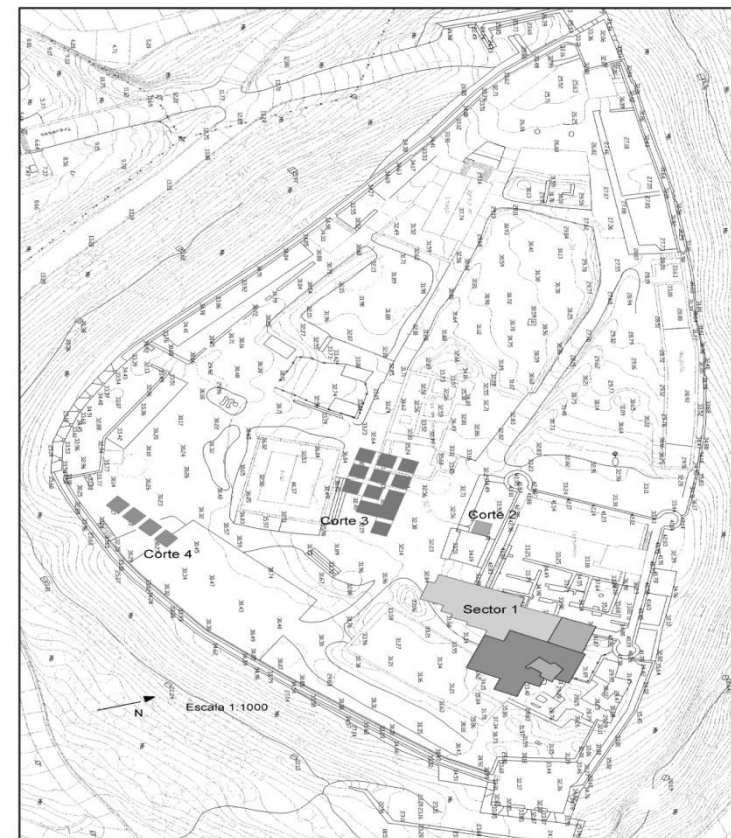


Fig. 4.— Castro Marim- Castelo (Viegas 2011)

Grupo 2. (Santarém, Castro Marim, Faro)

Pasta: cinzenta clara (entre 5Y 5/1 - 7/1), compacta, pulverulenta, fina e com a fractura mais ou menos regular.

Inclusões: frequente presença de inclusões brancas arredondadas de pequeno tamanho (calcite). Presença de inclusões de partículas negras de pequenas e médias dimensões. Considerável presença de mica.

Revestimento: trata-se de um verniz escassamente vitrificado (Cuomo Di Caprio 2007: 306 e 314-17), verde oliva tendente ao acastanhado (5Y 4/1 - 4/2) com nuances cinzento sombrio. Aderente ao corpo cerâmico embora possa ser removido com facilidade; liso ao tacto (sem rugosidades). Não muito espesso, brilhante em alguns casos. Devia ter sido aplicado quer no interior, quer no exterior da peça, tanto que a sua ausência ou a sua falta causou, em fase de cozedura e/ou utilização, zonas de queimadura no exterior do corpo.

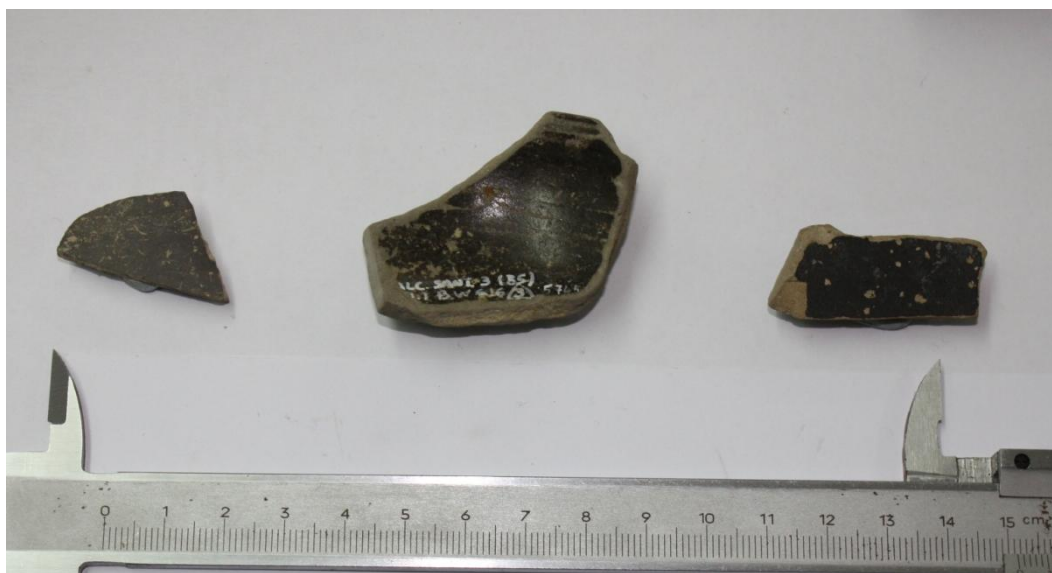


Fig. 5.— Os fabricos. Partindo de esquerda, amostra do Grupo 1, 2 e 3

Grupo 2.1. “Sobre cozidas” (Santarém, Castro Marim, Faro): Mantém as mesmas características do Grupo 2 embora o “interface” entre o revestimento e o corpo cerâmico apresente uma tonalidade de cinzento ligeiramente mais escuro. Possivelmente na cozedura de tipo B (Picon 2002), estas peças estiveram expostas mais tempo do que o necessário às temperaturas de cozedura.

Grupo 2.2. “Poucos vestígios ou total ausência de revestimento” (Santarém, Castro Marim, Faro): Peças que se aproximem ao Grupo 2 por terem as características técnicas das pastas muito similares. Algumas peças apresentam queimaduras.

Grupo 3 (Santarém)

Pasta: cinzenta clara (2,5Y 6/1-6/2 e 5Y 6/1-7/1), muito compacta e bem depurada com fractura regular.

Inclusões: abundância de partículas negras (piroxena) mas também brancas (calcite) e algumas vermelhas, além a presença de micas. Estas são de pequenas dimensões e de forma arredondada.

Revestimento: é um verniz de cor negro brilhante com reflexos iridescentes ou apresentando só nuances azuladas. Bem aderente ao corpo cerâmico e liso ao tacto.

4.2. Considerações sobre os fabricos

Se a nível petrográfico as diferenças entre um grupo e o outro são mínimas (trata-se de pastas calcárias muito depuradas), o que os caracteriza macroscopicamente é o tipo de solução aplicada para revestir as peças (v. Sala Sellés *et al.* 2007: 138-40).

O Grupo 1 compreende cerâmicas caracterizadas pela depuração das pastas e por um engobe cinzento que impermeabiliza a peça mas que varia entre tons cinzentos toscos e cinzentos-claros. Em contrapartida, o Grupo 2 apresenta um verniz escassamente vitrificado que, respeito ao Grupo 1, o aproxima mais às soluções de revestimento das peças utilizadas nos protótipos itálicos. Se estes dois grupos se consideram como produções peninsulares pelo restrito areal em que foram identificadas e pelas características físicas dos seus revestimentos (inadequadas capacidades de controlo do processo de cozedura e a adoção de técnicas diferentes respeito aos protótipos itálicos), o Grupo 3 mostra as peculiaridades típicas das verdadeiras produções itálicas de verniz negro: boa vitrificação do verniz, pastas muito compactas, depuradas e com fractura regular. Isto deixa-nos pensar estarmos perante fragmentos “mal cozidos” enquadráveis nas categorias da campaniense do círculo da B (Picon 2002: 143; Ventura 2000: 184; Pérez Ballester e Berrocal 2007: 154). Esta última circunstância está sujeita a confirmações de natureza arqueométrica que podem, ou não, comprová-la através da comparação da composição químico-mineralógica com amostras das produções itálicas.

5. DADOS ESTADÍSTICOS E REPERTÓRIO FORMAL

5.1. Dados numéricos

Alcáçova de Santarém: O conjunto estudado proveniente da Alcáçova de Santarém consta de 145 fragmentos entre os quais foi possível distinguir 71 fragmentos atribuíveis ao Grupo 1, 46 fragmentos para o Grupo 2 e 27 fragmentos para o Grupo 3, destacando-se ainda um fragmento de duvidosa atribuição. Castro Marim e Faro: Os conjuntos provenientes destes dois sítios são Os conjuntos provenientes destes dois sítios são respectivamente de 42 e 23 fragmentos, ambos enquadráveis no Grupo 2.

Na Alcáçova de Santarém o total de fragmentos de cerâmica campaniense ronda os 1058, correspondendo 13,7% a imitações de pasta cinzenta, 65,9% a campaniense de Cales/Teano, 15,7% a campaniense A e 4,7% a campaniense B etrusca (Soria 2013: 262).

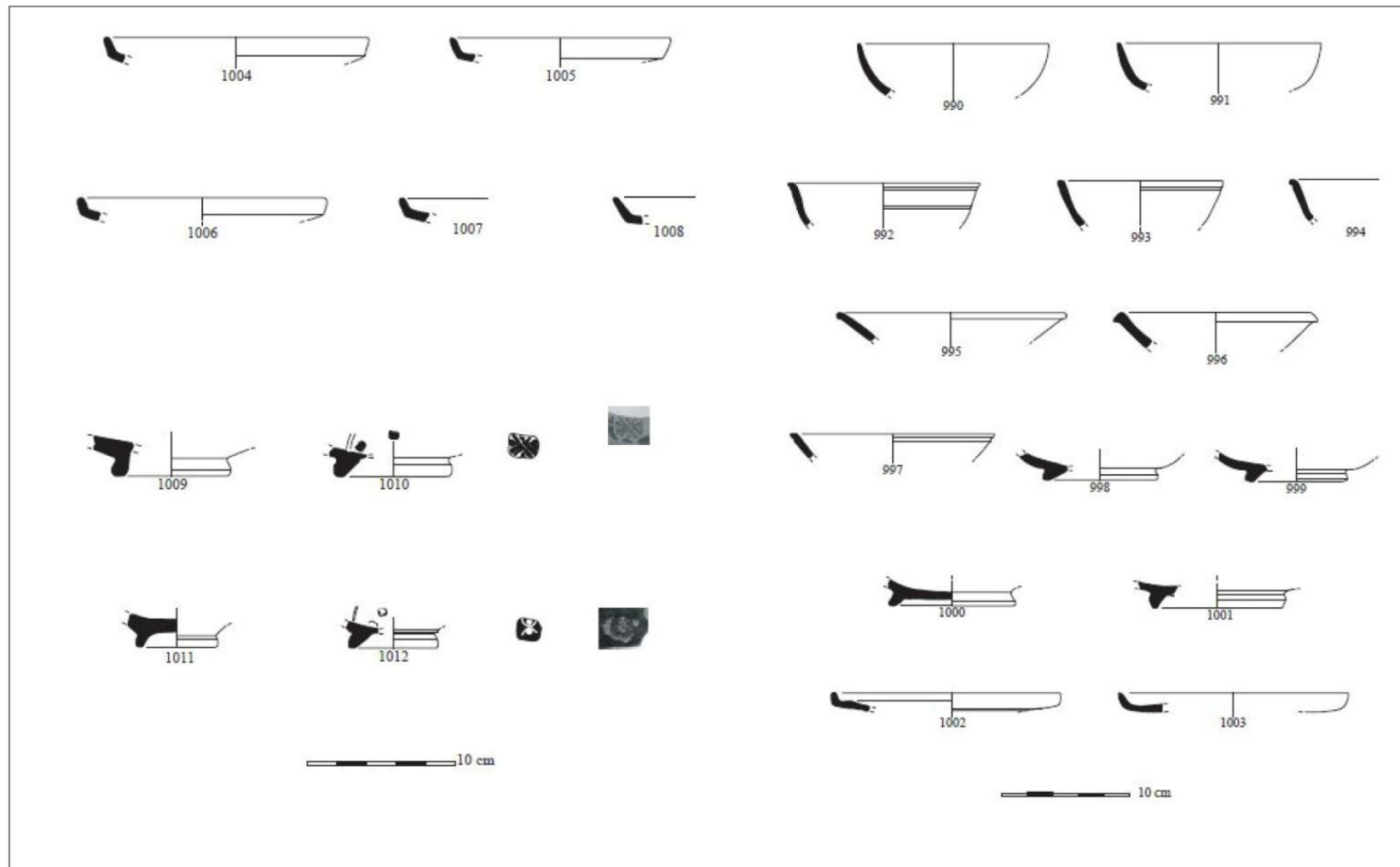


Fig. 6.— Conjunto de Castro Marim (adaptado de ~~Vieigas 2011~~

Vieigas 2011)

Em Faro, de um total de 452 fragmentos de campanienses, a presença de imitações de pasta cinzenta foi quantificada numa percentagem de 5,3% contra 51,6% de campaniense A e 43,1% de campaniense de Cales (Viegas 2011: 115).

Em Castro Marim, foram identificados um total de 504 fragmentos de campanienses, 9,3% destes são imitações em pasta cinzenta, 88,5% correspondem a campaniense de Cales, 2% a campaniense A e 0,2% a campaniense etrusca (Viegas 2011: 417).

5.1 Formas e decorações

A nível formal estamos perante conjuntos cujas imitações

1. tentem reproduzir formas e revestimentos dos protótipos itálicos (grupo 2);
2. reproduzem somente as formas dos protótipos itálicos adoptando outras técnicas para o revestimento destas (grupo 1) (Morel 1981: 516-17).

As formas atestadas documentam o repertório das campanienses do círculo da B (pateras= lamb. 5/7, *pixys*= lamb. 2, taças= lamb. 1, F 2610 e F 2640-50) não sendo invulgar a presença de taças próximas das Lamboglia 28, que são típicas das produções neapolitanas.

De interesse é a presença no conjunto da Alcáçova de Santarém de fundos de pratos com decoração estampilhada em losango (Soria 2013) atribuíveis ao Grupo 1, facto que remete para a típica decoração presente na campaniense calena (Pedroni 1990: 169-75) mas que também ocorre nas produções de pasta cinzenta relativas ao do vale do Guadalquivir (Ventura 1985: 128-31; 2000: 185.).

Somam-se ainda as duas decorações em dois fundos de pratos provenientes de Castro Marim que representam motivos circulares e lineares, ambos enquadrados em cartelas em posição radial no fundo interno das peças (Viegas 2011, 429 -31) (Figs 6-8).

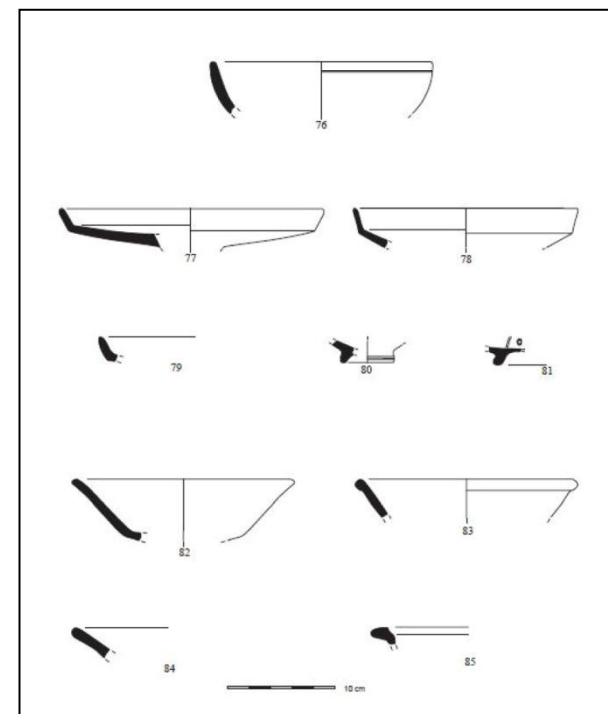


Fig. 7. — Conjunto de Faro (adaptado de Viegas 2011)

Viegas

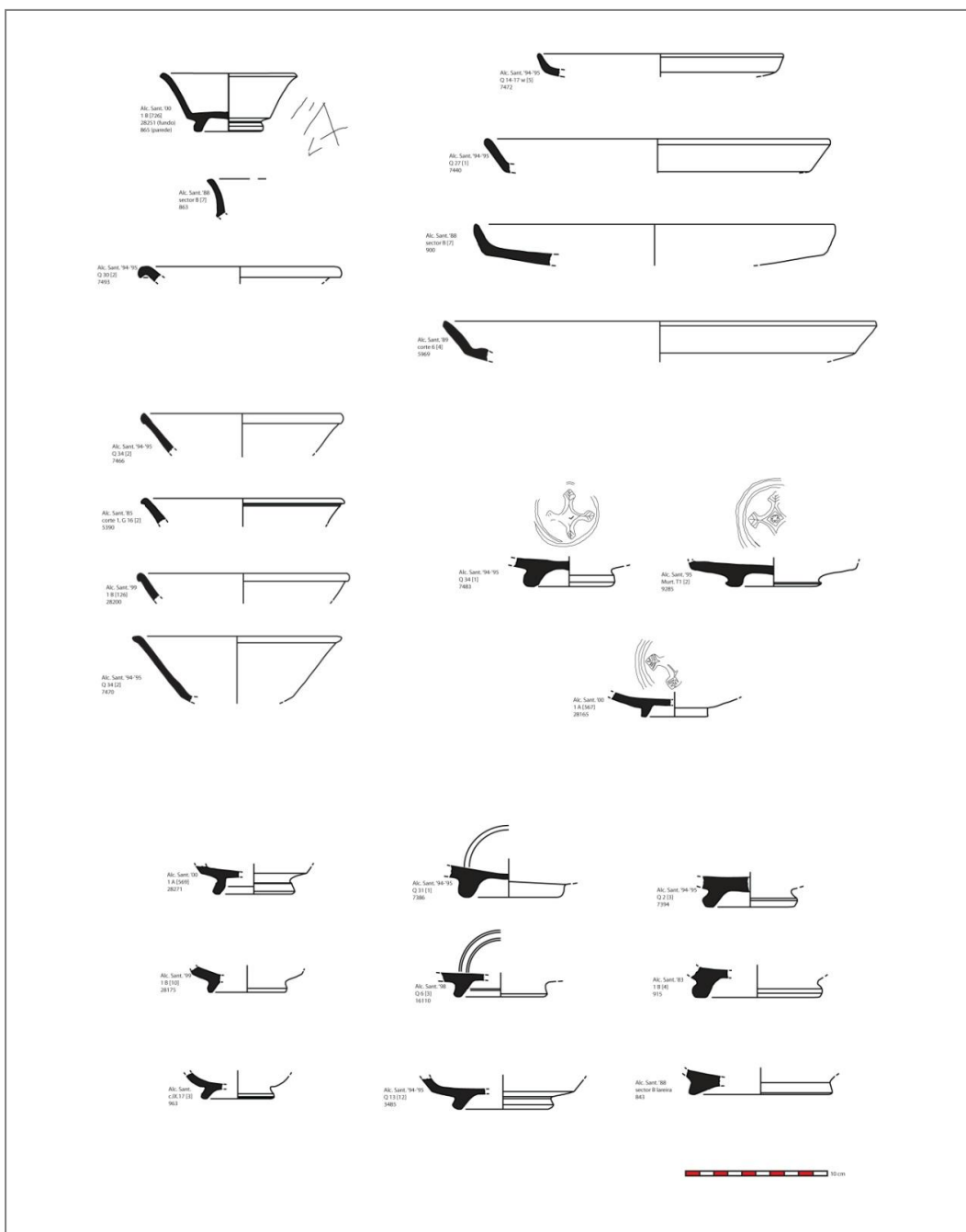


Fig. 7.— Conjunto de Santarém

6. OS CONTEXTOS

Alcáçova de Santarém: Os contextos identificados em que as imitações de pasta cinzenta das campanienses aqui estudadas se encontram, em associação com outros materiais arqueológicos, localizam-se em diferentes sectores. Estes dados, cruzados com a informação estratigráfica, facilitam a compreensão do âmbito cronológico em que se inserem. Os fragmentos em contextos cronológicos mais recuados são os provenientes do sector B da Área do Jardim e do quadrado Q 14-17 E da escavação do Templo que remontam à fase 1C, que equivale, grosso modo, ao período compreendido entre 45 e 30 a.C. Nos Viveiros foi possível isolar contextos que documentam o período de vida das produções cinzentas e atestam a sua utilização durante todo o séc. I d.C. (fase 2B no sector 1B [U.E. 131] e 1A [U.E. 643], fase 2C no sector 1B [U.E. 201]). Destas unidades estratigráficas devemos destacar a [U.E. 131] que foi considerada como um piso correspondente a um momento de utilização intermédio da fase 2 (Viegas 2003a: 277), datada pela terra sigillata entre meados do reinado do Augusto e do reinado do Tibério (Viegas 2003a: 283). Também a U.E. [201] atesta a presença de produções a pasta cinzenta durante o período alto imperial. De facto, esta unidade era um estrato de aterro/nivelamento do final da ocupação da fase 2, cuja cronologia foi afinada pela datação proporcionada pela terra sigillata, período tiberiano ou inícios do reinado de Cláudio (14-45 d.C. circa) (Viegas 2003a: 284).

As últimas fases cronológicas em que esta cerâmica se encontra em contexto são a fase 3A, no sector 1C [U.E. 160], e a genérica fase 3 do Horto do Jardim, que chega até o terceiro quartel do séc. II d.C., embora esta última datação seja atribuível ao último momento de utilização e abandono do tanque, sendo os materiais aqui exumados considerados como entulhamento. Contudo, o conjunto material remete para uma cronologia muito similar àquela do sector B da Área do Jardim, ou do quadrado 30 da escavação do Templo. Mas a presença de TSH aponta para a formação desta unidade estratigráfica durante o séc. II d.C.

Sector	Fase: Cronologia	Quad.	U.E.	Outros Materiais associados	Camp. Cinz.
Horto do Jardim	3: finais I d.C.- inícios II d.C. até 3º quarto do II d.C. (Almeida 2008)	Mur. Tanque 1	3 int.	Dr. 1 Guadal., Dr. 7-11, Mañá C2b, Bética costeira, Lusitanas antigas; Camp. do círculo da B, TSI, TSH, EV pompeiano, lucerna, cer. Ferro, cer. Comum romana	2fr.= G.2; 2fr.= G.3
Área do Jardim	Séc. I a.C. (Bargão 2006)	Q 8	3	Mañá C2b, Dr. 1, Lamb. 2; Camp. A, Paredes finas, cer. Comum	2fr.= G.1; 1fr.= G.3
Área do Jardim	1 C: 45- 30 a.C. circa (Almeida 2008)	Sector B	7	Mañá C2b Guadal., Dr. 1 Guadal., classe 67 Guadal., Ovoide 2 Guadal., Haltern 70 Guadal., classe 24/Oberaden 83/Dr. 20, Dr. 1, Dr. 7-11, Mañá C2b e C1, Ibero-púnicas, Bética costeira; Camp. A, Camp. Do círculo da B, Paredes finas, TSI, comum romana, cer. diversas Ferro	7fr.= G.1; 2fr.= G.3; 1fr.= G.2
Templo	2 B: primeira metade do I d.C. (Almeida 2008)	Q 14-17 E	13	Haltern 70 Guadal., Dr. 2-4 Guadal., Dr. 1, Dr. 2-4, Dr. 7-11; Camp. Do círculo da B, cer. Comum romana e do Ferro	2fr.= G.2; 1fr.= G.1
Templo	1 C: 45- 30 a.C. circa (Almeida 2008)	Q 30	2	Mañá C2b Guadal., Dr. 1 Guadal., classe 67 Guadal., Haltern 70 Guadal., classe 24/Oberaden 83/Dr.20 Guadal., Dr. 1, Dr. 2-4, Dr. 12 (?), Mañá C2b, Ramon 10.1.2.1, Bética costeira, Lusitanas antigas; Camp. A, Camp. do círculo da B, Par-finas, TSI, cer. diversas da Idade do Ferro, cer. comum romana	3fr.= G.1
Viveiros	2 B: primeira metade do I d.C. (Almeida 2008) Datação relativa da TS: meados do reinado do Augusto e do reinado do Tiberio (Viegas 2003, 283)	1 B	131	Ânforas: Mañá C2b Guadal., Dr. 1 Guadal., Haltern 70 Guadal., Dr. 1, Dr. 7-11, Dr. 14 antiga, Mañá C2b, Bética costeira, Lusitanas antigas; Par.finas, TSI, TSS, TSH, EV pompeiano, cer. comum	2 fr.= G.2
Viveiros	3 A: último quarto do séc. I d.C. (Almeida 2008) Datação relativa da TS: 50-80 d.C. (Viegas 2003, 287)	1 C	160	Ânforas: Dr. 1 Guadal., classe 67 Guadal., Ovóide 2, 3 e 5 Guadal., Haltern 70 Guadal., classe 24/Dr. 20 Guadal., Dr. 7-11 Guadal.; Dr. 1, Dr. 7-11, Dr. 14, Mañá C2b, Bética costeira, Lusitanas antigas; Camp A, Camp. Círculo da B, Par-finas, TSI, TSS, TSH, cer. comum; Sestércio e Asse de Cláudio (41-50 d.C.)	1 fr.= G.1
Viveiros	2 C: 40- 60 d.C. circa Datação relativa da TS: período tiberiano ou inícios reinado do Cláudio (14-45 d.C. ca) (Viegas 2003, 284)	1 B	201	Ânforas: Dr. 1 Guadal., classe 67 Guadal., Ovóide 5 Guadal., Haltern 70 Guadal.; Dr. 1, Dr. 7-11, Mañá C2b, Bética costeira; Camp A, Camp. Círculo da B, Par-finas, TSI, TSS, TSH, cer. comum	1 fr.= G.2
Viveiros	2 B: finais do I a.C. até meados do I d.C. (Almeida 2008)	1 A	643	Mañá C2b Guadal., Dr. 1 Guadal., classe 67, Haltern 70 Guadal., Dr. 7-11, Mañá C2b, Bética costeira, Itálicas, Ibero-púnicas, Tripolitana antiga; Camp. A, Camp. Do círculo da B, Par.finas, TSI, almofariz bético, verniz vermelho pompeiano, cer. comum	3fr.= G.2; 1fr.= G.1; 1fr.= G.3

Tabela 1.— Contextos de proveniência das imitações de campanienses da Alcáçova de Santarém com relativas datações; s. Almeida 2008; Bargão 2006, Viegas 2003a

(Viegas 2003a: 225). A [U.E. 160] é um pavimento em opus signinum que a datação da terra sigillata do Sul da Gália permite fixar como posterior a meados ou finais do século I d.C. (Viegas 2003a: 278). Tratando-se de U.E.s cuja formação previu remoções e manipulações de terra posteriores à “criação” do conjunto artefactual ali contido, não aparece desmotivado pensar num utilizo destas peças cerâmicas num momento ligeiramente anterior. É por isto que pensamos de balizar a datação de utilizo das imitações em pasta cinzenta encontrada nestes níveis entre os meados e o terceiro quartel do séc. I d.C.

Faro: Nas sondagens do Museu Municipal foram poucas as U.E.s reconhecidas como conservadas devido às associações de materiais com cronologias homogéneas (ânforas da Classe 67, Mañá C2 da Bética, Dressel 1 itálicas, Campaniense A e do círculo da B, cerâmica de tipo Kouass, ânforas pré-romanas). Estas apontam para uma utilização ou abandono do espaço durante o séc. I a.C. (Viegas 2011: 107-8). Infelizmente as dificuldades típicas das intervenções urbanas não permitiram a caracterização dos níveis reconhecidos como homogéneos. A isto deve-se adicionar que a contínua estratigrafia dos centros urbanos, como neste caso, nem sempre oferecem níveis preservados. Não obstante estas limitações, a leitura cronológica que podemos propor para o conjunto de Faro assemelha, no que respeita ao fabrico e formas, ao do Castelo de Castro Marim, ou seja meados do séc. I a.C.

Castro Marim: Foram encontrados materiais tardo-republicanos em todas as áreas intervencionadas arqueologicamente. Mas foi especialmente no corte 3 que se identificou um conjunto de níveis arqueológicos particularmente bem conservados. Trata-se de uma unidade estratigráfica formada pelas camadas 1, 2 e por vezes também pela 3, dos Quadrados B4 (2 fr.), B5 (9 fr.), B6 (3 fr.), C4, C5 (12 fr.), C6 (8 fr.), D4 e D5 onde a cerâmica é muito abundante (Viegas 2011: 416), correspondendo a um contexto que foi interpretado como uma lixeira, datado por Ana Arruda, “da segunda metade do séc. I a.C., mais concretamente entre 60 e 30 a.C.” (Arruda 1999-2000: 43). Este dado cronológico pode-se

Sector	Quadrado	UE	Materiais associados
3	B4	1	Camp. B Cales Lamb. 1-5, Castro Marim 1 (Gadit.), Mañá C2b (Gadit.), Dressel 20 (Guadalq.)
3	B5	1	Camp. B Cales Lamb. 1-2-3-5-7, TSH, Greco-italica (Ita.), Dressel 1 (Ita.), Lamb. 2 (Ita.), Castro Marim 1 (Gadit.), Tripolit. Antiga (Afri.), M. Pascual A4 (Gadit.), Mañá C2b (Gadit.), Classe 67 (Guad. e Gadit.), Dressel 12 (Guad. e Gadit.), Haltern 70 (Guad.), Dressel 7/11 (Gadit.), Dressel 20 (Guadalq.)
3	B6	1	Camp. B Cales Lamb. 1-5, Castro Marim 1 (Gadit.)
3	C5	1	Camp. A Lamb. 31-36, Camp. B Cales Lamb. 1 -2-3-4-5-7, TSI Consp. 20.4, Dressel 1 (Ita.), Lamb. 2 (Ita.), Mañá C2a (Afri.), Castro Marim 1 (Gadit.), D Pellicer (Gadit.), M. Pascual A4 (Gadit.), Mañá C2b (Gadit.), Classe 67 (Guad. e Gadit.), Dressel 12 (Guad. e Gadit.), Haltern 70 (Guad.), Dressel 7/11 (Gadit.), Dressel 20 ou Haltern 70 (Guad.)
3	C6	1	Camp. B Cales Lamb. 1-3-5-7, TSI Consp. 18, D Pellicer (Gadit.), Mañá C2b (Gadit.), Classe 67 (Guad. e Gadit.), Haltern 70 (Guad.), Dressel 7/11 (Gadit.), Beltran II A (Gadit.)

Tabela 2.— Contextos de proveniência das imitações de campanienses de Castro Marim; dados de Viegas 2011

relacionar com os dos já referidos níveis da Alcáçova de Santarém acerca da presença de imitações em pasta cinzenta de campanienses já em meados do séc. I a.C.. No que concerne à presença desta produção em níveis imperiais, trata-se de situações estratigráficas nas quais resulta árduo poder retirar dados fiáveis devido às perturbações que o local sofreu. O final da ocupação romana do Castelo terá ocorrido nos finais do séc. I d.C. ou nos inícios do séc. II d.C. (Viegas 2003b). Por isto a presença destas imitações em estratos imperiais revolidos não invalida o que foi dito para a Alcáçova de Santarém para o fim da presença desta classe, ou seja até meados do séc. I d.C., prolongando-se provavelmente até o terceiro quarto do mesmo século.

7. POSSÍVEIS PARALELOS

Como já foi referido, uns dos problemas desta classe cerâmica é a falta de dados sobre os centros produtores. Baseando-se no espólio bibliográfico, a análise efectuada dos fabricos da península ibérica tem indicado a Bética costeira/vale do Guadalquivir, assim como o território litoral e insular tarraconense, como as principais áreas de produção/difusão das imitações em pasta cinzenta das campanienses.

Nas últimas décadas, os estudos sobre as imitações das campanienses do território português foram-se cada vez mais acrescentando. O trabalho de Delgado (1971) e de Sousa (1996) são importantes para perceber a variedade de fabricos detectados e o abundante número de sítios em que são atestadas. Não obstante as caracterizações físicas que os autores fazem, resulta árduo para nós poder enquadrar os nossos conjuntos num fabrico ou num outro.

No território espanhol, devemos mencionar os estudos caracterizantes as imitações em pasta cinzenta de campanienses provenientes do vale do Guadalquivir e da área de Cartagena.

As primeiras foram analisadas por Ventura (2000: 185) e posteriormente denominadas “cerâmicas de pasta gris y barniz negro”. Estas foram descritas da seguinte forma: “son cerámicas que muestran técnicamente un barniz no demasiado consistente, que puede raspase fácilmente, de color gris preferentemente oscuro y con tendencia a matices negruzcos o acastañados en algunas piezas; la pasta, básicamente gris, no suele presentar excesiva dureza; en superficie suele observarse finas partículas micáceas que afloran incluso donde sí se conserva el barniz. Algunas piezas muestran como decoración un emblema losángico impreso en relieve y de ubicación central sobre el fondo interior del recipiente, generalmente rodeado por un círculo inciso-acanalado; sólo en un

caso este motivo impreso se multiplica y adquiere una ubicación radial, asociándose a círculos acanalados concéntricos. No tenemos datos para concretar la tipología de los respectivos vasos, aunque las tendencias apreciables sugieren las formas de copa/bol y de pátera”. Desta descrição podemos isolar alguns aspectos que encontramos no nosso conjunto, nomeadamente a presença de micas e a não excessiva dureza das pastas. Estas são peculiaridades do Grupo 2, assim como o verniz não muito aderente ao corpo cerâmico e de cor verde oliva tendente ao acastanhado. A nível decorativo reparamos que o losango foi atestado em peças do Grupo 1 o qual apresenta uma pasta compacta, bem depurada, dura e com fractura regular e como revestimento, um engobe fino, opaco, aderente de maneira integral ao corpo cerâmico e de cor ligeiramente mais cinzento comparativamente ao corpo.

Da área de Cartagena provem o conjunto de imitações que Pérez Ballester e Berrocal Caparrós (2007: 155) denominaram como “3” e que definem nestes termos: “clasificadas a ojo desnudo como C-II. Con la lupa binocular se observa que su cuerpo cerámico es compacto y fino, de color gris, y que presenta algunas manchitas de color castaño claro. Los desgrasantes son finos, no existen nódulos de cuarzo, hay micas y nódulos de color castaño rojizo (¿chamota?), y los más abundantes son los nódulos negros opacos. Se trata de cerámicas de pasta no muy dura, uniforme y finamente granulosa, de color gris claro verdoso; su barniz es gris verdoso oliváceo, delgado y jabonoso al tacto, y parece que se aplica sobre un engobe gris oscuro. Se documentan las formas Lamb. 7, F 2640/50 y una base plana.” Também neste caso o paralelo mais directo encontramos-lo no nosso Grupo 2 e também neste caso, como estes autores explicitaram, estamos perante uma produção que, embora não seja definida por eles como “peninsular”, foi descrita como diferente da campaniense C siciliana, sendo portanto possível de se tratar de uma produção não proveniente da península itálica. A fase 5 das escavações da plaza del Hospital de Cartagena na qual foram encontrados os fragmentos pertencente ao acima referido grupo 3, foi datada de

60 a 70 d.C., período de construção do anfiteatro. As U.E.s desta fase foram consideradas como níveis de entulhamento (Pérez Ballester e Berrocal 2007: 157-8) devido à preparação dos alicerces. Com as devidas precauções, podemos estabelecer uma certa ligação entre os contextos imperiais da Alcáçova de Santarém com os de Cartagena tendo as premissas para propor o momento final de consumo das imitações a pasta cinzenta nos meados- terceiro quarto do I d.C.

Fora da península ibérica devemos destacar o grupo identificado por Morel, “tipo D marroquino” (Morel 1981: 48), que é caracterizado da seguinte forma: “pate gris-fer, tres dure, reche; vernis gris fonce tournant parfois au marron ou a l'olivatre, absolument mate, fragile”. Embora esta descrição não encontre paralelos imediatos com os grupos deste estudo, parece, contudo, ser uma produção cujas características a aproximam ao Grupo 2.

Tratando-se ainda de uma fase prematura da investigação e tendo feito este exercício sem que tenhamos tido a oportunidade de observar autopicamente as produções aqui referidas, é muito arriscado avançar hipóteses acerca do comércio e consumo dos artefactos baseadas sobre a associação entre o tipo D marroquino e os grupos portugueses ou fazer o mesmo entre os últimos e os do Guadalquivir e de Cartagena, faltando neste sentido uma série de estudos pormenorizados, nomeadamente as análises arqueométricas e a identificação dos centros produtores.

Além dos possíveis paralelos com os conjuntos portugueses aqui apresentados, um dato importante de sublinhar é a cada vez mais frequente individualização e caracterização de imitações de pasta cinzenta das campanienses nos territórios mediterrânicos, facto que indica uma difusão em numerosas oficinas de produções caracterizadas pela mesma técnica e referência cultural. Portanto os estudos pormenorizados deste fenómeno em ampla escala tornar-se-ão importantes para perceber o tamanho do impulso cultural e económico ditado pelo estável controlo romano destas regiões a partir dos meados do séc. I a.C.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Genéricamente, podemos considerar as imitações de pasta cinzenta das campanienses como o produto de uma exigência sociocultural e, provavelmente, económica, resultado das maciças importações de cerâmica de verniz negro itálico entre os finais do séc. II-I a.C.. Estas fizeram com que no mundo provincial se desenvolvesse o habito simposial itálico e que a reprodução das formas cerâmicas mais conhecidas da época se tornasse um fenómeno comum aos centros consumidores.

Como o registo arqueológico atesta, estamos perante objectos produzidos num curto espaço de tempo, um momento de “transição” como aquele entre os finais das importações de verniz negro e os inícios da terra sigillata. É nos meados-terceiro quartel do séc. I d.C. que notamos uma considerável atenuação da sua presença no registo arqueológico dos sítios portugueses. Neste marco cronológico esta classe cerâmica foi utilizada junto com outras classes e a sua identificação e caracterização aporta dados que enriquecem a nossa percepção do que era possível encontrar num serviço de mesa nos territórios litorais do ocidente peninsular. De facto as associações de materiais reconhecidas nos contextos aqui apresentados remetem para uma “contemporaneidade” entre as imitações de pasta cinzenta das campanienses, os vernizes negros itálicos, as várias produções em terra sigillata, as cerâmicas de paredes finas e ainda outras classes cerâmicas. Todavia o estudo das primeiras pode permitir afinar as cronologias dos contextos nas quais aparece. Tratando-se de imitações de protótipos cujas cronologias foram já objecto de estudo (Lamboglia 1952; Morel 1981; Py *et al.* 2001), as formas que reproduzem devem, logicamente, ter sido produzidas depois dos modelos de referência. Desta forma, estabelecem, graças às indicações cronológicas absolutas das fontes clássicas ou de outros materiais relativamente às primeiras penetrações romanas no território que se pretende estudar, um indicador fiel para a datação relativa dos contextos em que aparece. A investigação sobre os centros produtores poderá contribuir para afinar as

cronologias de início e fim desta produção, auxiliando a leitura da distribuição da mesma nos vários centros consumidores, assim como reconhecer a multiplicidade de fabricos que comporiam esta classe.

Graças ao estudo da cultura material dos sítios portugueses em análise, parece bastante clara a pertença a um mesmo circuito comercial de abastecimento e que todos eles terão tido, provavelmente, um papel importante na difusão dos produtos importados no próprio hinterland. Porém, estamos perante centros de consumo que, contrariamente ao afirmado para outros contextos (Pérez Ballester - Berrocal Caparrós 2007: 152), terão tido um abastecimento de produtos itálicos inconstante, facto que poderá ter tido um importante papel na decisão de produzir localmente imitações. Um outro aspecto prende-se com o carácter “social” desta produção. O problema é: tratando-se duma imitação, terá sido produzida a favor de sectores da população com menor poder de compra que não podiam, portanto, adquirir produtos com custos elevados devido à “boa qualidade” das peças originais e dos transportes “internacionais” (Mínguez-Sáenz 2007)? Se olharmos para os protótipos itálicos de verniz negro, estes deviam garantir ao negociator um certo proveito económico mas, tratando-se de cerâmicas produzidas em grande escala e sendo um artefacto que pela sua natureza não era objecto dum constante processo abastecedor, não eram a principal fonte de lucro para ele. Por este motivo pensamos que o início da produção de imitações, a nível local, seria mais um reflexo de comportamentos sociais propagados pela cultura dominante da época do que uma subordinação meramente económica inerente ao poder de compra das diferentes faixas sociais da comunidade.

Neste estudo ressaltou o particular papel do Grupo 2 que é o único grupo cerâmico encontrado nos três sítios estudados. Estes, como foi já referido, apresentam características típicas de comunidades de vocação eminentemente marítima que poderão ter adquirido os artefactos através de um contacto mais ou menos directo com os centros produtores/redistribuidores que, como os

estudos ceramológicos têm vindo a testemunhar, vêm, a partir dos meados/finais do séc. I a.C. na Bética costeira e no vale do Guadalquivir dois núcleos muito activos sob o ponto de vista económico. Portanto, é com o Grupo 2 que se pode sustentar a hipótese de se tratar de uma produção com um amplo raio de influência que encontrou a aceitação das gentes locais, ao ponto de integrar os serviços de mesa pré-existentes. A reforçar esta leitura está a proposta da Viegas (2011: 123-4, 428) que, embora com algumas reservas, define os conjuntos aqui apresentados de Faro e Castro Marim (ambos aqui enquadrados no Grupo 2, ao qual pertence também uma parte do conjunto da Alcáçova de Santarém) como relacionáveis aos originários do Vale do Guadalquivir.

Não obstante tudo, importa referir que estamos só num momento inicial da investigação sobre as imitações ocidentais em pasta cinzenta das campanienses mas os dados aqui apresentados constituem uma sistematização dos conjuntos até hoje conhecidos.

De facto, um problema que afecta o reconhecimento da presença das imitações de pasta cinzenta de campanienses no registro arqueológico continua a ser a escassa atenção com que estas produções são caracterizadas.

Acreditamos que nos próximos anos se acrescentem cada vez mais os estudos que ajudem na compreensão das dinâmicas sociais e económicas que caracterizaram o ocidente peninsular durante o período tardo-republicano e alto-imperial, período que, entre os múltiplos aspectos que o caracterizam, pode ser também observado através da perspectiva das imitações.

Agradece-se o Dr. Carlos Pereira pela revisão do texto e pelas sempre “estimulantes” observações. A responsabilidade dos erros ou omissões nas linhas atrás escritas é somente atribuível ao autor.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, R. de (2008): *Las ánforas del Guadalquivir en "Scallabis" (Santarém, Portugal): una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Instrumenta 28. Barcelona.
- AQUILUÉ, X., GARCÍA ROSELLÓ, J.E. e GUITART, J. (coords.) (2000): *La ceràmica de vernís negre dels segles II i I aC: Centres productors mediterranis i comercialització a la Península Ibèrica*. Barcelona.
- ARRUDA, A.M. (1988): "Nota sobre a ocupação romana - republicana do Castelo de Castro Marim". *Actas do 5º Congresso do Algarve*, vol. 1. Silves: 13-17.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadrenos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A.M. e VIEGAS, C. (2002): "A Alcáçova". In AA.VV. *De Scallabis a Santarém*. Lisboa.
- CUOMO di CAPRIO, N. (2007): *Ceramica in archeologia 2- Antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di indagine*. Roma.
- DELGADO, M. (1971): "Cerâmica campaniense em Portugal". *Actas do II congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra: 403-420.
- ETIENNE, R. (1958) *Le cult imperiale dans la peninsule iberique d'Auguste a Diocletien*. BEFAR 191. Paris.
- FARIA, A.M. de (1995): "Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português". In M.P. García-Bellido e R.M.S. Centeno (eds.): *La moneda Hispánica. Ciudad y territorio. Anejos de Archivo Español de Arqueología XIV*. Madrid: 143-153.
- GARCÍA VARGAS, E., ALMEIDA, R. de e GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2011): "Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización". *Spal* 20: 185-283.
- KEAY, S. (2001): "Romanization and the Hispaniae". In S. Keay e N. Terrenato (eds.): *Italy and the West, comparative issues in Romanization*. Oxford: 117- 144.
- LAMBOGLIA, N. (1952): "Per una classificazione preliminare della ceramica campana". *I Congresso Internazionale di Studi Liguri*: 139-206.

- MÍNGUEZ, J. e SÁENZ PRECIADO, C. (2007): “Imitaciones de cerámicas de barniz negro campanienses y de terra sigillata en producciones autóctonas del valle medio del Ebro”. In M. Roca e J. Principal (eds.): *Les imitations de vaixella fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC - I dC). Sèrie Documenta 6*. Tarragona: 235- 258.
- MOREL, J.-P. (1981): *Céramique campanienne: les formes*. Bibliothèque des Écoles Françaises d’Athènes et de Rome 244. Roma.
- PEDRONI, L. (1990): *Ceramica a vernice nera da Cales 2*. Napoli.
- PEDRONI, L. (2001): *Ceramica calena a vernice nera. Produzione e diffusione*. Napoli.
- PEREIRA, C. (2008): *As Lucernas romanas de Scallabis*. (Dissertação de mestrado – Universidade de Lisboa). Lisboa.
- PÉREZ BALLESTER, J. e BERROCAL, M.C. (2007): “Campaniense C, cerámicas grises y engobadas de imitación en Cartagena, Mazarrón i Eivissa”. In M. Roca e J. Principal (eds.): *Les imitations de vaixella fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC - I dC). Sèrie Documenta 6*. Tarragona: 151- 172.
- PICON, M. (2002): *Les modes de cuisson, les pates et les vernis de la Graufesenque; une mise au point*. In M. Genin, e A. Vernhet (éds.): *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d’époque romaine, Nouvelles Recherches, Mélanges à Bettina Hoffmann. Archéologie et Histoire Romaine 7*. Montagnac: 139-163.
- PINTO, I. E SCHMITT, A. (2010): “Cerâmica Comum”. In J. Alarcão, P. Carvalho, e A. Gonçalves (coords.): *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002 Studia Lusitana 4*. Mérida: 219-443.
- PRINCIPAL, J. e SANMARTÍ, J. (2007): “Les imitations en pasta grisa de vaixella fina de vernís negre a Pollentia en època tardorepublicana In M. Roca e J. Principal (eds.): *Les imitations de vaixella fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC - I dC). Sèrie Documenta 6*. Tarragona: 259- 277.
- PY, M., ADROHER, A.M. e SÁNCHEZ, C. (2001): “Dicocer 2. Corpus des céramiques de l’Âge du Fer de Lattes (fouilles 1963-1999)”. *Lattara 14*. Lattes: 435- 584.
- ROCA, M. e PRINCIPAL, J. (eds.) (2007): *Les imitations de vaixella fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC - I dC). Sèrie Documenta 6*. Tarragona.

- SALA, F., MOLTÓ, J., OLCINA, M. e GILABERT, A. (2007): “Las imitaciones de vajilla de mesa de los siglos I a.C. y I d.C. del sector BC de Lucentum”. In M. Roca e J. Principal (eds.): *Les imitacions de vaixel·la fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC - I dC). Sèrie Documenta 6*. Tarragona: 133- 150.
- SORIA, V. (2013): “Cerâmica de mesa em época tardorepublicana em Scallabis: o contributo da campaniense”. *Actas del I Congreso Internacional de la SECAH (Cádiz, 2011). Monografías Ex Officina Hispana 1*, vol II. Cádiz: 249- 269.
- SOUSA, E.M. (1996): “Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra”. *Conimbriga 35*: 37-58.
- SOUSA, E.R.B. de (2005): *A cerâmica de “tipo Kouass” do Castelo de Castro Marim e de Faro* (Dissertação de Mestrado – Universidade de Lisboa). Lisboa.
- VENTURA, J.J. (2000): “La ceràmica de barniz negro de los siglos II – I a.C. en Andalucía Occidental”. In X. Aquilué, J. García Roselló e J. Guitart (coords.): *La ceràmica de vernís negre dels segles II i I aC: Centres productors mediterranis I comercialització a la Península Ibèrica*. Barcelona: 177-215.
- VIEGAS, C. (2003a): *Terra sigillata da Alcáçova de Santarém - Economia, comércio e cerâmica*. Trabalhos de Arqueologia 26. Lisboa.
- VIEGAS, C. (2003b): “Les sigillées du sud de la Gaule à Castro Marim et Faro (Algarve - Portugal)”. *SFECAG. Actes du Congrès de Saint-Romain-en-Gal*. Marsella 641-646.
- VIEGAS, C. (2006): “A ocupação romana de Castro Marim”. *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb 6*: 241-260.
- VIEGAS, C. (2011): *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos & Memórias 3. Lisboa.

FONTES

Estrabão, Geografia, livro III.

Itinerario Antonino.

Plínio-o-Velho, Naturalis Historia.

Pompónio Mela, Chorographia.

Ptolemeu Alexandrino, Geographia.